

JOÃO LEAL

A HERDEIRA
DE SALAZAR

Per Liana Marchetti dalla Persia

Prólogo

30 DE JULHO DE 1970

A locomotiva surge na curva, pesada e lenta. Aproxima-se do apeadeiro repleto de gente que precisa de ali estar para confirmar que o velho ditador morreu. Vai para Santa Comba Dão.

O comboio funerário de António de Oliveira Salazar passa pela gasta plataforma de madeira perante o estupor de quase todos.

Há carruagens cheias de flores. Há choros. Há curiosidade.

Como pode ele ter morrido? *E agora quem vai tomar conta de nós?*, pensam alguns. *Agora as coisas vão mudar. A guerra vai ter um fim*, pensarão outros.

O velho posiciona-se atrás do grupo.

Passa despercebido entre os presentes. Talvez não seja o único a sofrer, mas será, decerto, aquele cuja dor tem maior propriedade. Dentro de uma daquelas carruagens vai o cadáver do seu amigo de infância, o António, que lhe deu a mão quando mais precisou.

Não chora. Afinal, o que diria o António se o visse chorar?

Vira costas e abandona o local ainda antes de o comboio terminar a sua passagem.

Não precisa de estar ali, sobretudo com aquele peso gigante que lhe tolhe o pensamento.

Já se foram todos. O filho, o neto e, agora, aquele que considerava, apesar de tudo, o seu único amigo.

Até Deus se foi. Já há muito que não acredita n'Ele, mas nunca o disse na correspondência que trocou com António durante as duas últimas décadas. O que diria António da sua falta de fé?

O mundo ruiu. Caminha entre escombros e tem dificuldade em orientar-se.

A responsabilidade da sua amizade com o homem mais poderoso de Portugal pesa-lhe agora muito. De alguma forma, qualquer sentido para a vida parece ter-se ausentado e não tem esperança que volte.

Caminha devagar para o carro. Tem um encontro marcado com o secretário do Bispo para daí a uma hora.

Antes de abrir a porta, as lágrimas libertam-se e, na verdade, não se importa.

1

17 DE NOVEMBRO DE 2018

Chegou dez minutos antes da hora e sentou-se a uma mesa de canto de modo a poder observar a entrada. O suave cheiro a café misturava-se com o da comida acabada de servir. As mesas pequenas estavam quase todas ocupadas por gente a conversar. Ao balcão, duas mulheres altas e elegantes atendiam os clientes com simpatia, à frente de uma parede verde-escura com um grande relógio de ponteiros.

Abriu um livro, que pousou ao lado da chávena de café e do telemóvel. Respirou fundo, olhando as páginas sem ler e controlando a porta pelo canto do olho. Sentiu a adaga oculta sob a manga da camisola, pronta a deslizar pelo antebraço até à palma da mão direita. Caso fosse preciso, seria rápida.

Reparou num caixote, com alguns chapéus de chuva molhados no canto, à entrada. O chão de madeira clara trazia uma sensação de calor e conforto, tendo em conta a chuva que caía na rua. Era um ambiente acolhedor.

Aquele encontro ao início da noite num café de Bruxelas poderia ser uma de três coisas: uma brincadeira de mau gosto, uma armadilha que poderia resultar em derramamento de sangue ou, então, aquilo mesmo que lhe haviam dito ao telefone. Apesar da desconfiança, como poderia recusar um potencial encontro com alguém tão relevante como Howard Carnarvon?

O homem que supostamente a convocara era um membro da elite de poderosos destinos finais do tráfico. Como todos os outros envolvidos no negócio, fazia naturalmente questão do anonimato, escondendo-se, no seu caso, atrás de um pseudónimo composto pelos nomes dos dois responsáveis pela descoberta do túmulo de Tutancámon.

– Boa noite, *miss* Saleh.

À sua frente estava um homem alto, largo e vestido de fato. Trazia uma pasta na mão. Aparentava estar a meio dos trinta, talvez início dos quarenta. Tinha o cabelo preto. As suas feições e cor de pele seriam, talvez, as de um árabe.

Como é que ela não tinha dado pela sua entrada?

– Venho da parte de *mister* Carnarvon. Falámos hoje ao telefone – disse ele.

O homem permanecia em pé à sua frente. Ela percebeu que aguardava o seu convite para se sentar e fez o gesto correspondente.

Enquanto ele se sentava, ela olhou em volta, tentando detetar alguém que o estivesse a acompanhar.

– Estou sozinho, não se preocupe – disse ele.

Apontou para o braço dela.

– Qual é o comprimento da lâmina? Deixe-me adivinhar, espere. Esteve oito anos nas *Troupes de Marine*... quinze centímetros?

– Doze. Uma *Raider* – respondeu ela, tentando disfarçar a surpresa. Aquele era um homem bastante inteligente. Com uma pergunta só, dissera-lhe que não valia a pena ser evasiva ou mentir. Além disso, não se apresentara, pelo que ficara a saber que não lhe deveria perguntar o nome.

– Uma adaga americana – disse ele, parecendo desapontado.

– Adaptei-a.

Uma empregada aproximou-se e ele, com um gesto, disse que não queria nada. Ela aproveitou para dar um pequeno gole no seu café, tentando parecer descontráida.

– Nasceu em Tunes há trinta e dois anos. Aos quatro, os seus pais emigraram para Lyon. Aos dezoito, alistou-se e aproveitou para tirar dois cursos superiores: Antropologia e Filosofia.

É mestre em *karate*. Pratica *krav maga*. Deixou o exército. Foi professora durante algum tempo. Tem quatro *papers* publicados. Escreveu dois livros. Um sobre simbologia nas culturas do Levante e outro, mais especulativo, sobre a possibilidade da criação de uma mitologia cartaginesa que substituísse o papel do Islão na identidade nacional tunisina. Os seus pais deixaram de lhe falar por causa deste livro, que foi também responsável pelo seu despedimento, por ter ficado ainda com menos amigos dentro da comunidade islâmica francesa e, para alguns, o ter-se tornado *persona non grata* em Tunes. Embora seja verdade que, com as últimas alterações à Constituição tunisina, tenha ficado demonstrado que o poder do Islão no Estado está a decrescer. Mudou-se para a Bélgica, onde, fazendo uso das suas aptidões, dá aulas de artes marciais e participa, digamos assim, no negócio de antiguidades. É heterossexual, de momento não tem qualquer relação e não tem filhos. Tem uma cadela chamada *Dido*, uma pastor belga com três anos. O seu contacto principal no negócio é Ibrahim Fallouj, que, como fachada, trabalha para diversos antiquários na Bélgica, Países Baixos e França. Nos últimos anos, o seu trabalho sobressaiu com as peças romanas encontradas na Galiza, com as estatuetas esmeralda de Kiev e com os santos cristãos de madeira de Nairobi. Estes dois últimos, sem que o soubesse, eram encomendas de *mister* Howard Carnarvon.

Ela só não estava boquiaberta porque aprendera a exercer um controlo preciso sobre o seu comportamento corporal. Quanto ao dele, havia algo nos seus olhos que a estava a incomodar e que indicava que não tinha qualquer treino militar. Eram cinzentos e estavam longe de ser inexpressivos. Pelo contrário, pareciam ter em si uma tristeza que quase lhe parecia brutal.

– Tenho duas perguntas para lhe fazer – disse ele.

– Faça.

– Não temos referências quanto às línguas em que será fluente... isto além do árabe, francês e inglês. Alemão consegue ler, mas não falar. Por acaso falará português ou russo?

– Nenhuma delas.

– Certo. E a outra pergunta: estaria disposta a ser sedada de modo a ser deslocada por via aérea daqui a duas horas para um local confidencial, para que amanhã possam ser efetuados testes aos seus conhecimentos e aptidões físicas?

– Espere aí. Pretende que eu me deixe ser drogada para ser levada para um local secreto? Ninguém saberá onde estou? Está a falar a sério?

– Sim.

– Consegue perceber que isso...

– Sim, claro. Mas não há outra maneira, lamento. A discrição...

Havia algo naquele homem... oh, sim! Havia algo naquele homem que a fazia confiar. Talvez uma falta de vontade de impressionar, uma omnipresença de humildade que ressaltava de toda aquela tristeza. Ela poderia mentir e tentar ganhar tempo, mas para quê? Tinha a certeza de que aquelas seriam sempre as condições para ser contratada. De resto, se eles sabiam aquilo tudo sobre si, saberiam muito mais. E a polícia também, se eles assim o decidissem.

– Muito bem. Vamos a isso – disse ela.

– Perfeito – respondeu o homem. Agarrou no telemóvel e escreveu algo. Passados dez segundos, Ibrahim Fallouj entrou a sorrir no café e dirigiu-se-lhes.

– Ibrahim? – perguntou ela, espantada.

– Este é o seu seguro, *miss Saleh* – disse o homem, estendendo a pasta ao recém-chegado. Logo depois, entregou-lhe também uma chave e um cartão que retirara de um bolso do casaco. – É uma chave de um cofre particular. O nome do banco está no cartão. Se daqui a dois dias, a esta hora, *miss Saleh* não estiver aqui, pode usar essa chave.

Ibrahim abriu a pasta e observou-a durante uns momentos. De seguida, fechou-a, confirmando com um aceno de cabeça para o homem.

– Eu trato da *Dido* – disse Fallouj, sorrindo afetuosamente antes de sair.

Semicerrando os olhos, o homem abanou a cabeça em sinal de aprovação.

– Você confia-lhe a vida! Não o esperava, mas é impressionante – e, erguendo-se, acrescentou: – Podemos, então, ir?

Ela levantou-se também. Estava prestes a deixar-se drogar, abandonando a sua consciência e vontade. Era uma loucura. Não fazia sentido. A sua curiosidade, no entanto, a mesma que em conjunto com a irreverência e vontade de aventura a tinham feito chegar até ali, era obviamente quem comandava. Não se faziam compromissos com isso.

– Sim. Vamos.

2

Os raios de Sol do dia nascente esperaram pacientemente até entrarem pela janela. Tocaram de um modo breve no seu rosto e esconderam-se de seguida. Na noite anterior, caíra uma chuva de tempestade acerca da qual ela, no seu sono químico, não tivera conhecimento.

Acordou numa cama. Estava vestida. Não reconheceu o lugar e isso trouxe-lhe uma pequena porção de pânico. A confusão demorou uns segundos a desistir e, então, percebeu que estava sozinha no quarto de uma casa humilde.

Levantou-se de um salto, como se tivesse algum tipo de plano que não tinha. Abriu a porta do quarto com cuidado. As restantes divisões da casa compreendiam uma sala vazia, tanto de pessoas como de mobília, e uma casa de banho. Notou a ausência de uma cozinha. Procurou por momentos, e em vão, o telemóvel.

Lá fora estava tudo molhado e luzidio.

A pequena casa, onde é provável ter passado a noite, era uma de quatro que compunham uma fileira num dos extremos do povoado. Supôs que, como aquelas, parecendo centenárias na simplicidade e escuridão das paredes de pedras, as outras cerca de vinte, cinzeladas na encosta da montanha, deveriam ter sido restauradas e não conseguia sequer imaginar o que cada uma poderia conter. Se aquele fosse o local onde Carnarvon guardava

o seu acervo, algo como o seu quartel-general e museu particular, era um privilégio incrível estar ali.

Os seus passos ecoavam. Parecia não haver ali mais ninguém. O sítio era pequeno e o piso da única rua, de lajes, era novo. Algures, numa das casas que ela não conseguiu precisar, um cão ladrava.

Depararam-se-lhe recantos surpreendentes e, espalhados aqui e ali, com o que só poderiam ser caprichos: um banco de pedra com um telescópio; como que brotando do empedrado várias estantes de madeira envidraçadas albergando livros; uma cama numa redoma de vidro projetada sobre uma varanda de uma casa; símbolos medievais templários e mouros pintados sem uma lógica aparente no chão.

O silêncio da montanha surgiu de repente, incapaz de resistir ao findar do ladrar do cão e dos passos dela. Reafirmou dentro de si a certeza de que, naquele momento, estava a ser observada e de que havia gente silenciosa em algumas daquelas casas fazendo o seu trabalho para Carnarvon.

Mas o silêncio fugiu, contrariado, ao som de passos que se aproximavam.

Virou-se e viu o homem de olhar triste, vestindo o mesmo fato e gravata da noite anterior, caminhando na sua direção.

Ao ver que captara a sua atenção, o homem estacou a alguns metros dela.

– Bom dia. Queira seguir-me – disse com o mesmo ar grave da véspera.

Ela assim fez, mantendo a distância durante um curto percurso até ele entrar na casa em frente da qual estavam pintados os símbolos no chão. Era térrea e pequena. Talvez tivesse sido em tempos a habitação da pessoa mais pobre daquele lugar.

– Prefere tomar o pequeno-almoço aqui dentro ou aí fora? – perguntou ele.

– É-me indiferente.

Ele fez-lhe sinal que entrasse.

Lá dentro havia uma mesa com café, leite e torradas acabadas de fazer.

– Está tudo bem consigo? A cabeça está limpa? A droga não deveria ter qualquer efeito secundário.

– Estou bem.

Sempre sentira uma aversão profunda a ser avaliada e era com desconforto que enfrentava aquele momento que agora se aproximava. Estava irritada.

– Já ouviu falar dos textos pseudo-acadianos descobertos em Alexandria acerca da origem dos metais.

– Sim – disse ela.

Ele olhou-a um pouco espantado, como se uma pequena pedra tivesse entrado numa qualquer engrenagem.

– Foi o que eu disse. Eu afirmei-o. Não era uma pergunta.

– Não percebi.

– *Miss Saleh*, deixe-me esclarecer uma coisa – disse ele, com o que lhe pareceu o esboço de um sorriso de divertimento, o que era uma novidade. – Na verdade, não foi trazida aqui para ser avaliada. Pensamos saber muito bem qual o seu valor. Sabemos, por exemplo, que os estudos sobre os pseudo-acadianos aparecem nas notas bibliográficas do seu trabalho. A nossa ideia acerca de si está formada.

– Mas, então, porque é que estou cá?

– Bem, para o seu primeiro dia de trabalho. Para conhecer os cantos à casa. Juntar-se à equipa. Ser informada das suas funções.

– Equipa? – disse ela, esperando que o desarvorado batimento cardíaco que lhe tomara conta do peito não fosse perceptível.

Ele agarrou numa torrada.

– *Mister Carnarvon* está a reunir pessoas para trabalhar num projeto a tempo inteiro. Algo importante. Gostaria de a contratar durante dez anos. Em exclusividade. O seu salário seria este – disse ele, estendendo-lhe um pequeno papel dobrado.

Ela desdobrou o papel, leu o que lá estava escrito e pousou-o. Assim de cabeça, era cinco vezes mais do que conseguia tirar num excelente mês de trabalho.

Fátima deu um gole de café e depois outro, mais longo, tentando ganhar tempo.